

Breves memórias de viagem a algumas regiões vitícolas europeias

Celito Crivellaro Guerra*

Os países da Europa tinham, até os anos 1990, sistemas de ensino completamente estratificados e muito diferentes entre si. Com a centralização dos projetos de ensino e pesquisa da União Européia no programa Erasmus Mundus, ocorreu uma rápida adaptação e compatibilização das grades de ensino universitário e pós-universitário, de modo que hoje, a formação em qualquer país da União Européia é compatível e reconhecida nos demais países. Relativamente à pós-graduação, houve um incentivo muito forte aos mestrados. As universidades praticamente aboliram os ‘mestrados acadêmicos’ e ‘mestrados profissionais’, substituindo-os por cursos unificados que oferecem, ao mesmo tempo, formação aprofundada e abrangente. Assim, um

aluno que ingressa num mestrado de aplicação vitivinícola está apto, após adquirida a formação, a trabalhar com a mesma desenvoltura em ensino, pesquisa, produção, gestão, comunicação e marketing vitivinícola. Para assegurar a excelência dos cursos, foram formados consórcios de universidades. O Master International Vintage é um dos dois principais consórcios de universidades européias a oferecer mestrado em viticultura, enologia e gestão empresarial vitivinícola. A convite do mesmo, tive a oportunidade de conviver com equipes de ensino e pesquisa em quatro países, entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011, além de visitar ou revisitar seis regiões vitivinícolas, nas quais muitas coisas relativas ao vinho chamaram-me a atenção. Sobre algumas delas escrevo a seguir:



DIVULGAÇÃO

Região da Alsácia, na França

Alsácia - França

A visita à Alsácia vinícola foi breve, mas muito instigante. Em companhia da diretora de relações públicas do Conselho Interprofissional do Vinho da Alsácia (CIVA), Sra. Yvelise Sciard e seu marido Jacques Schaeffer, pude visitar pelo menos três propriedades entre as de maior prestígio e constatar a beleza, a riqueza e a complexidade dessa encantadora região. A primeira vinícola visitada foi o Domaine Albert Mann, situado próximo a Colmar, ao sul, no município de Wettolsheim. Esta propriedade, uma das de maior prestígio em toda a Alsácia, produz uma gama de vinhos surpreendentes e de alta qualidade, incluindo o tinto Pinot noir, um Crémant d'Alsace, Grands Crus (destaque para os 'Clos de la Faille'), licorosos de colheita tardia e os insuperáveis licorosos 'Seleção de grãos Nobres'. Toda a produção é feita nos sistemas de cultivo biológico e biodinâmico. O Domaine Weinbach, por sua vez, está situado nas cercanias da cidade de Kaysersberg, na parte intermediária da região alsaciana. Assim como o Domaine Al-

bert Mann, o Domaine Weinbach também produz uma gama de vinhos excepcionais, sendo toda a produção feita nos sistemas de cultivo biológico e biodinâmico e tendo como domicílio uma espetacular e antiga abadia da ordem dos padres Capuchinhos. Por último, visitamos o Domaine Pfister, situado na cidade de Dahlenheim, no norte da Alsácia vitivinícola. Seus vinhos, de acidez mais marcante e estrutura mais delicada, mostram a grande variabilidade de estilos dos vinhos da Alsácia. Das informações que recolhemos ao longo de toda a estada na região, destaca-se o forte viés enoturístico, uma vez que a Alsácia encontra-se em um entroncamento rodoviário, ponto de passagem de turistas de vários países europeus. Destaca-se também a grande preocupação com a produção ambientalmente sustentável e em se ressaltar as características dos fatores naturais aportadas em cada parcela de videira. O aparato vinícola está claramente em segundo plano, mesmo se, em geral, as vinificações sejam conduzidas com muito critério e saber-fazer.

Valência - Espanha

Não é uma das principais regiões vitícolas espanholas. Ainda assim, há uma razoável produção vinícola, em regiões demarcadas com status de denominação de origem. Em Valência cultivava-se uma interessante variedade de uva tinta, chamada Bobal. A mesma é cultivada por toda a província, mas principalmente na mais conceituada das regiões de-

marcadas com status de denominação de origem, Utiel-Requena. É utilizada para a elaboração de ótimos vinhos rosados ou tintos jovens, mas seus melhores vinhos são tintos de guarda, de cor intensa, muito estruturados, vinosos, macios e de tipicidade única. Chamou-me a atenção o fato de ninguém tê-la trazido para testes no Brasil.

Vale do Rio Loire - França

Esta vasta região vitícola estende-se do centro da França até perto do Oceano Atlântico. As numerosas regiões demarcadas com status de denominação de origem que a compõem produzem sobretudo vinhos tranquilos tintos, rosados e brancos, mas também espumantes e frisantes. Os melhores vinhos tranquilos são brancos. Alguns são maduros e muito longevos. Podem chegar até a 15 anos com um inacreditável frescor aromático e gustativo. Boa parte dos produtores usa a prática da colheita fracionada. A primeira colheita destina-se à elaboração de vinhos mais leves e frutados. A Segunda é para os mais estruturados e maduros. Uma terceira e última - chama-

da colheita tardia - se houver (depende da qualidade da safra), destina-se à elaboração de vinhos licorosos doces naturais. A uva Chenin blanc é a mais usada na elaboração desses vinhos. Chama a atenção os preços relativamente moderados dos vinhos, mesmo os melhores, de onde conclui-se que a notoriedade de uma região possui grande influência na composição dos preços dos vinhos.

Outra questão importante é a quantidade crescente de viticultores que produzem nos chamados 'sistemas limpos' (viticultura biodinâmica, orgânica, etc.). O clima da região é quente e relativamente seco na primavera e no verão, o que facilita a implantação desses sistemas de

produção. A imensa quantidade de algas marinhas que aportam diariamente nas praias da vizinha Bretanha são fonte natural e barata de nutrientes para as videiras cultivadas nesses sistemas. A certificação de produtos existe, mas muitos produtores não estão interessados em certificar. Antes disso, estão muito preocupados em produzir dentro de sistemas ambientalmente sustentáveis. Não é por acaso que o pólo científico e tecnológico InterLoire, que agrupa Universidades e Centros de Pesquisa da região, estabeleceu como prioridade absoluta de pesquisa a sustentabilidade ambiental e econômica da viticultura local. Vale do Rio Loire - França

Piacenza - Itália

Em companhia do professor Maurizio Zamboni, do Departamento de Viticultura e Enologia da Universidade Sacro Cuore (campus de Piacenza), visitei pela primeira vez as regiões 'dei Colli Piacentini', que cobrem cerca de 3.600 ha nos arredores de Piacenza, região da Emilia Romagna. A região, como aliás toda a Itália, é composta de um sistema complexo de denominações de origem controlada (DOC) e denominações de origem controlada e garantida (DOCG), as quais ainda não se adaptaram oficialmente ao novo e uniforme sistema europeu de denominações de origem protegida (DOP). Nas diferentes zonas vitícolas é produzida uma grande quantidade de estilos de vinhos tintos, rosados e brancos, a partir

de numerosas variedades de uva. Em relação ao teor de açúcar, há também uma grande variedade de vinhos: bone dry asciutto, very dry amaro, dry secco, slightly sweet abboccato, sweet amabile, medium-sweet pastoso e very sweet dolce. Toda essa complexidade desafia a compreensão do viajante de primeira passagem.

O vinho tinto Gutturmo é o mais famoso da região. É elaborado com uma mistura de uvas tintas, com absoluto predomínio de Barbera e Croatina. Há vários estilos, que vão do frisante ao tranquilo e do seco ao suave. Um bom Gutturmo frisante levemente suave é inacreditavelmente agradável, elegante e complexo. Fiquei pensando que no Brasil, onde grande parte dos consumidores prefere

vinhos suaves, poder-se-ia iniciar testes de produção de vinhos similares em um certo número de regiões.

Outra particularidade regional, bem menos célebre, são os vinhos DOC Trebbianino Val Trebbia, que não são elaborados predominantemente com a variedade Trebbiano, mas sim com a variedade autóctone Ortruga, misturada a cerca de 10 a 30% de Malvasia di Candia e/ou Moscato Bianco, 15 a 30% de Trebbiano Romagnolo e/ou Sauvignon blanc e ainda uma mistura de outras variedades brancas regionais, até um máximo de 15%.

Também são dignos de nota alguns brancos licorosos doces naturais, elaborados à base de uvas Moscato.

Tokaj - Hungria

Meu guia da Universidade de Budapeste, professor György Pásti, preparou-me uma degustação dos principais vinhos do país. Destaco alguns vinhos brancos secos oriundos das regiões de Zala, Balatonfelvidék, Badacsony e Balatonfüred-Csopak, todas próximas ao lago Balaton. Esses vinhos são elaborados a partir de variedades tais como Moscatos, Fürmint, Borteka e outras de menor expressão. Destaco também alguns bons tintos produzidos nas regiões de Szekszárd, Villány e Kunság, localizadas no sul do país, onde o clima é menos frio. Mas nada se compara à mundialmente famosa região produtora de vinhos licorosos de Tokaj. Na visita que a ela fizemos (três produtores), alguns aspectos merecem ser relatados. O primeiro é a ausência de uma convenção coletiva, tal como as DOCs da Europa Ocidental. Na região, cultiva-se uvas e produz-se vinhos segundo protocolos quase milenares, mas

não há uma normativa específica de produção. O segundo ponto a ser ressaltado é a alta qualidade e a grande gama de estilos de vinhos, sejam secos ou licorosos. A terceira observação refere-se à sustentabilidade econômica e social da produção. Parece ser consenso entre os diferentes atores da vitivinicultura local que, a ser mantido o perfil atual, muitos pequenos produtores serão obrigados a se desfazer de suas propriedades e a produção ficará em breve nas mãos de um pequeno grupo de grandes empresas, quase todas de capital estrangeiro e de origem alheia à vitivinicultura, tais como empresas de seguro, transportes, etc. Este processo, aliás, já está em curso.

Espero que estas breves notas tenham trazido elementos úteis ao aumento do conhecimento sobre os vinhos do mundo, mas também - e principalmente - que ajudem em reflexões sobre a nossa jovem vitivinicultura brasileira.

Bordeaux - França

Após ter morado quatro anos em Bordeaux e depois de mais de dez anos de ausência, tinha grande expectativa em retornar. Visitei velhos amigos e conheci novas pessoas nos Châteaux Yquem, Haut-Brion, Margaux e Beauvillages, no Instituto de Ciências da Uva e do Vinho (complexo científico do qual faz parte a Faculdade de Enologia). Também visitei um negociante de vinho e o Conselho Interprofissional

se arrastam há quase 20 anos e há uma profusão de novas associações de produtores de todo gênero, o que não facilita em nada a gestão geral exercida pelo CIVB. Por sua vez, os chamados Grandes Châteaux, que são as propriedades com direito a produzir vinhos 'Grand Cru', continuam a viver num mundo à parte, vendendo seus vinhos a preços cada vez mais altos e com demanda sempre crescente. São ilhas de prosperidade em uma



FOTOS/DIVULGAÇÃO

* - Pesquisador da área de Enologia - Embrapa Uva e Vinho.
- Matéria publicada originalmente na revista Bon Vivant de outubro de 2011.

RÓTULOS

do Vinho de Bordeaux (CIVB). Confesso que tive a impressão que a Bordeaux vitivinícola parou no tempo, em vários aspectos. Nos últimos 15 anos, a região viu aumentar sua área plantada de 110.000 ha para 130.000 ha. Não é pouca coisa. Mas o aumento se deu sobretudo nas áreas de menor prestígio. Hoje a região vive uma realidade de super-estoques e vê nas exportações para a China a única forma efetiva de evitar a falência de um considerável número de propriedades vitícolas. A classificação dos vinhos nas mais de 40 regiões de denominação de origem continua confusa e incompreensível para o consumidor comum. Algumas questões judiciais

vasta planície de incertezas.

Visitando o CIVB, tomei conhecimento de um programa no mínimo sui gênerois, que se vale da notoriedade da região. São cursos de curta duração (uma semana a um mês), nos quais as pessoas (basicamente estrangeiros), sob o pagamento de um valor bem elevado, aprendem sobre diferentes aspectos da produção vitivinícola bordalesa. Ao final, ganham um diploma de 'amigo do vinho de Bordeaux', que lhes dá direito a, a seu turno, divulgar de diferentes maneiras a região e seus vinhos. Em resumo, paga-se muito caro para adquirir o direito de fazer propaganda gratuita do vinho de Bordeaux. Incrível !



PERSONALIZADOS



PEQUENAS E MÉDIAS QUANTIDADES

G4
IMPRESSÃO DIGITAL

9
ANOS

Fone: 54.3292.5866 / e-mail: g4@grupog4.com.br / www.grupog4.com.br